

**EUGENIO COSERIU:
UMA MUDANÇA RADICAL
NA PERSPECTIVA LINGUÍSTICA**

*Helio de Sant'Anna dos Santos*⁴

RESUMO

Este artigo versa sobre a perspectiva linguística de Eugenio Coseriu, estudioso romeno frequentemente confundido como mais um estruturalista. A proposta consiste em demonstrar alguns aspectos da concepção coseriana que a credenciam como linguística integral. Ainda que tenha relação com o estruturalismo de Saussure, Coseriu fundamenta-se numa tricotomia bastante específica, com base nos planos universal, histórico e individual da língua, partindo do falar (*parole*) para a língua (*langue*).

Palavras-chave: Eugenio Coseriu. Estruturalismo. Mudança.

Eugenio Coseriu muitas vezes é confundido como apenas mais um estruturalista, continuador das ideias de Saussure. Ignora-se o fato de que suas concepções não coincidem com o ideário do mestre de Genebra, conforme afirma Johannes Kabatek, Diretor do Arquivo Eugenio Coseriu da Universidade de Tübingen (www.coseriu.com).

Segundo Kabatek, em Prólogo do livro *Linguagem e Discurso* (COSERIU & LAMAS, 2010), a imagem de Coseriu como estruturalista é falsa, já que o linguista “apenas tomou as ideias

⁴ Doutor em língua portuguesa pela Universidade Federal Fluminense e professor do Colégio Pedro II. E-mail: heliodesantanna@gmail.com

saussurianas como ponto de partida metodológico, e não a doutrina de Saussure como um todo” (p. 7).

Uma das maiores contribuições coserianas para a linguística, de acordo com o próprio Coseriu, é a apresentação da mais básica de suas tricotomias, que ele mesmo toma como bastante simples e correspondente à intuição dos falantes. Refere-se à distinção entre três níveis linguísticos: o nível universal do falar em geral, o nível histórico das línguas e o nível individual dos textos.

O estruturalismo hermético limita-se ao nível histórico, enquanto Coseriu propõe, nas palavras de Kabatek (COSERIU & LAMAS, 2010, p. 8) uma “linguística integral”: uma linguística do falar em nível universal, uma linguística no nível histórico e uma linguística no nível individual. Kabatek (p. 7) ressalta que, ainda que Coseriu não seja *estruturalista*, “adota a perspectiva estrutural em certos trabalhos”, ampliando a perspectiva de uma linguística de caráter estrutural a outros campos.

Está-se diante de uma proposta teórica em que é insuficiente a abordagem em termos de uma linguística no nível da língua em seu aspecto abstrato, posto que não se considera cientificamente viável conceber o fenômeno linguístico que não parta do concreto, do falar.

Coseriu (1979, p. 213) argumenta que “não há que explicar o falar do ponto de vista da língua, e sim vice-versa”. Invertendo o conhecido postulado de Saussure, Coseriu afirma ser necessário partir do terreno do falar para tratar de outras formas de manifestação da linguagem. Assim, a língua corresponde a “momento historicamente objetivo do falar”, é um aspecto do falar. Toma-se o falar como referência para a linguagem.

Com o propósito de apresentar a linguística do falar em nível universal como necessária, Coseriu (p. 214) relaciona-a com a própria aceitação da tríplice dimensão: se há a linguística das lín-

guas, ou seja, a linguística do falar no nível histórico, e uma linguística do texto – uma linguística do falar no nível particular, deveria existir também uma linguística que desse conta do falar em geral, uma linguística do falar no nível universal. Coseriu esclarece:

[...] em nossa opinião, a linguística do falar em sentido estrito seria uma linguística descritiva, uma verdadeira *gramática do falar*. E, precisamente, uma gramática indispensável tanto para a interpretação sincrônica e diacrônica da “língua” quanto para a análise dos textos. De fato, do ponto de vista sincrônico, a língua não oferece apenas os instrumentos da enunciação e de seus esquemas, mas também instrumentos para a transformação do saber em atividade; e, do ponto de vista diacrônico, tudo o que ocorre na língua só ocorre pelo falar. Por outro lado, a análise dos textos não pode ser feita com exatidão sem o conhecimento da técnica da atividade linguística, pois a superação da língua que ocorre em todo o discurso só pode ser explicada pelas possibilidades universais do falar. (COSERIU, 1979, p. 214)

A chamada “gramática do falar” teria como objeto a técnica geral da atividade linguística, envolvendo aspectos verbais e não verbais, dos quais fazem parte o conjunto de operações denominado *determinação* e instrumentos circunstanciais reconhecidos como *entornos*.

Tal abordagem foi proposta em artigo publicado por Coseriu em espanhol em 1957, no periódico alemão *Romanistisches Jahrbuch*, “Determinação e entorno: dois problemas duma linguística do falar”. O próprio Coseriu, conforme se aponta em nota no livro *Linguagem e Discurso* (COSERIU & LAMAS, 2010, p. 17), menciona no início de *Textlinguistik* ter introduzido nesse artigo o conceito de linguística do texto, afirmação refutada na mesma obra (p. 18).

O autor ressalta o papel do artigo “Determinação e entorno”, não como um antecedente da linguística do texto, e sim um avanço da linguística integral.

O texto em questão é considerado um marco da mudança radical de perspectiva da linguística, já que contribui fortemente para que se estude a linguagem não a partir da língua, mas a partir do falar. É preciso, portanto, partir do falar para explicar a língua. O primeiro momento corresponde ao falar, tomado como norma para todas as manifestações da linguagem.

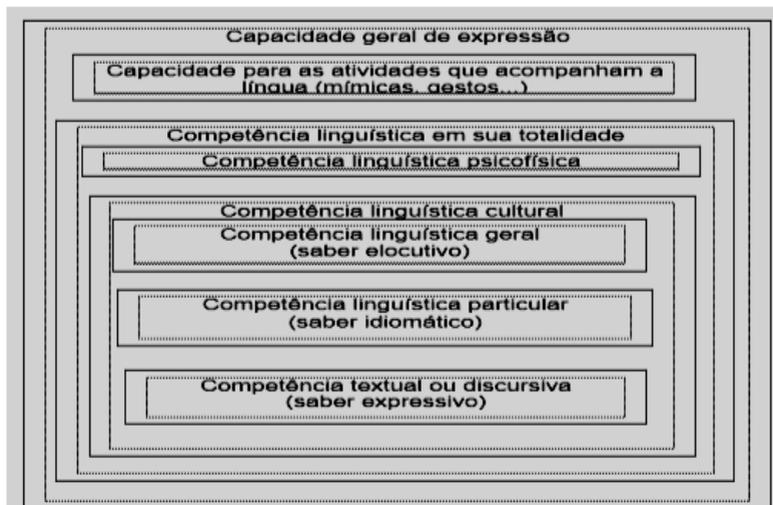
Coseriu (1992, p. 80) postula que toda a linguística corresponde a uma linguística do falar, já que se podem considerar também as línguas particulares como aspecto ou modalidade do falar. Com base em tal concepção, o autor estabelece uma relação entre os planos e níveis que se distinguem no falar e a correspondente competência linguística – definida como “um saber intuitivo ou técnico dependente da cultura nos três planos independentes entre si do falar em geral, da língua particular e do discurso ou texto.” (p. 8)

Apresenta-se, então, um gráfico com a divisão da competência linguística, de que se deverá destacar o nível cultural do falar, quer dizer, o falar como atividade cultural e o saber transmitido que subjaz a essa atividade. Veja-se o gráfico mais abaixo.

Coseriu defende que a linguagem envolve uma série enorme e complexa de elementos, inclusive extralinguísticos, constituindo-se o falar em atividade mais ampla que a língua: “utiliza suas próprias circunstâncias (enquanto a língua é circunstancial) e também atividades complementares não verbais” (1979, p. 215). Assim, não se pode ignorar que a mímica, os gestos e mesmo o silêncio, dentre outros elementos, interferem na atividade linguística.

Entretanto, a linguística não deverá dar conta de todos os aspectos envolvidos no falar, ainda que tenhamos convicção da relevância de tais fatores. Faz-se necessária, inclusive, a distinção entre língua falada e escrita, esta entendida como mutilação daquela, em função de não dispor dos mesmos recursos. É o que se verifica em Mattoso (CÂMARA JR., 1985, p. 16) e pode-se en-

tender em Carvalho (1967, p. 222), quando se refere ao ato linguístico como uma “simplificação extrema do fenômeno real da fala humana”.



(COSERIU, 1992, p. 81)

Bittencourt (2007/2008, p. 191) adverte que não se pode ignorar o quanto a escrita é uma tecnologia sofisticada, exigindo por parte do falante esforço não percebido por quem a domina. Dentre outros fatores, está a necessidade de recriação das circunstâncias que são próprias da situação de fala, como as propriedades da voz. Exige-se, portanto, muito trabalho para ensinar a técnica a quem normalmente está acostumado ao mundo dos sons.

A professora lamenta o fato de a escola relegar a língua literária ao segundo plano, o que muitas vezes se justifica por se considerar o texto literário mais difícil, complexo. A dificuldade pode estar concentrada exatamente na impossibilidade do falante em conseguir lidar com os instrumentos de construção discursiva e nas estratégias utilizadas para apresentar a língua literária ao aluno.

O ensino de português não deveria desconsiderar as diferenças entre língua escrita e falada, formal e informal, língua literária e exemplar – termo criado por Coseriu (1992, p. 164) e que se refere à modalidade que deve servir de modelo aos falantes em determinadas situações, caracterizadas pela preocupação com a correção. Não se deveriam ignorar outros traços do falar que certamente são intrínsecos ao desenvolvimento da competência linguística, incluída a capacidade de reconhecer elementos extralinguísticos pertinentes a um ato de fala.

Coseriu (1992, p. 82) cita Hjelmslev e Saussure como autores não contemporâneos que viram que o falar não se esgota na realização de uma língua concreta. Destaca um trabalho publicado em holandês como o único a representar certa importância quanto ao estudo do problema dos recursos extralinguísticos na fala, a publicação de Duijker, “Elementos extralinguísticos na fala”, em 1946.

Coseriu alerta para o fato de que atividades extralinguísticas não só podem acompanhar como também completar e, inclusive, substituir o falar, o que é válido para a língua oral ou escrita. Para entender a proposição, basta levar em consideração textos escritos nos quais se inserem imagens ou desenhos ou mesmo os textos configurados graficamente das mais diversas formas, como os chamados poemas concretos.

Ainda se faz importante ao menos aludir ao nível biológico do falar, uma vez que se parte do princípio de que o falar é uma atividade primeiramente psicofísica, “condicionada fisiológica e psiquicamente” (COSERIU, 1992, p. 85). Trata-se deste nível quando, por exemplo, se diz que as crianças sabem ou não falar, pois não se quer dizer se sabem ou não português ou espanhol, senão que não há domínio dos mecanismos psicofísicos do falar. A linguística também não deve ocupar-se de tais aspectos, objetos próprios da fisiologia, da psicologia e da medicina.

O objeto de interesse da linguística, segundo as concepções coserianas, é o falar sob a forma cultural, que se pode diferenciar em três planos:

1. O falar é comum a todos os homens, é um *falar em geral*; todos os homens adultos e normais falam. Mesmo o não falar constitui sentido. Coseriu (1992, p. 87) adverte que algumas línguas chegam a distinguir o “estar em silêncio” e o “deixar de falar”, como o latim, com os termos *silere* e *tacere*, respectivamente.
2. O falar se realiza numa língua determinada, numa tradição histórica determinada, ainda que se esteja tratando de língua construída ou inventada.
3. Todo falar se apresenta como individual a partir de dois aspectos: por um lado, é executado sempre por um indivíduo, não é atividade em coro. Por outro lado, sempre se executa em uma situação única determinada, a que Coseriu chama de discurso.

Com base nesta linha de raciocínio, Coseriu (1992, p. 88) afirma ser possível, como ocorre com qualquer atividade cultural, conceber a atividade verbal também sob três pontos de vista, conforme se esclarece:

1. Como atividade mesma, como falar e entender. É a linguagem enquanto *enérgeia*, como atividade em si, em que se cria saber linguístico novo ou se diz algo novo a partir de um já existente.
2. Como competência, saber fazer, *dínamis*.
3. Como *érgon*, produto criado pela atividade. É o texto ou obra a ser mantida na memória.

Coseriu (1992, p. 22-25) faz referência a Humboldt (1963, p. 416-418), que, apropriando-se do conceito aristotélico, define

enérgeia como atividade que precede a própria potência, chamada de *dínamis* e entendida como atividade produtiva. A língua é antes *enérgeia* que produto, *érgon*; portanto, atividade criadora, que não repete simplesmente o aprendido.

Partindo da relação entre os diferentes planos e pontos de vista, Coseriu enfatiza a distinção entre *langue* e *parole*, assinalando que muitas vezes há uma certa confusão quanto aos critérios que as distinguem. A *langue* corresponde ao plano histórico da língua; a *parole*, por sua vez, ao ponto de vista da atividade. Desta forma, a *parole*, o falar, envolve todos os planos, seja como falar em geral, seja como língua concreta, falar historicamente determinado, seja como texto, falar individual. Em todos os casos, vê-se o falar do ponto de vista da atividade.

O autor, tomando o falante como medida de todas as coisas, procura comprovar a percepção do usuário da língua enquanto falar, mesmo que por intuição, em todos os planos. O falante reconhece a língua no plano universal quando, por exemplo, afirma que os animais não têm linguagem ou que a criança não sabe falar, referindo-se não a um idioma e sim à capacidade de falar, no sentido geral.

Percebe no plano histórico o falar como uma manifestação em uma língua determinada, ao proferir afirmações, como: “ele fala português” ou “não sei falar inglês”. Quanto ao plano individual, o falante demonstra capacidade de identificação do falar quando distingue um falante do outro pela fala ou compreende diferentes intenções em situações diversas.

Levando-se em conta a relação entre os planos em questão e os pontos de vista, Coseriu (1992, p. 91) define tanto saberes, competências, como produtos correspondentes a cada um dos planos. Assim, aos três planos ou níveis da atividade do falar se contrapõem três planos do saber linguístico:

1. Ao saber correspondente ao falar em geral – “saber elocutivo” ou “competência linguística geral”.
2. Ao saber correspondente ao falar em uma língua particular, determinada historicamente, saber histórico, portanto – “saber idiomático” ou “competência linguística particular”.
3. Ao saber correspondente ao falar individual, habilidade de produzir textos em situações determinadas – “saber expressivo” ou “competência textual”.

Quanto aos produtos ou obras, Coseriu aponta como produto do falar em geral a totalidade de todas as manifestações; como produto do falar em uma língua particular, a língua particular abstrata, objeto da descrição da linguística, e como produto do falar individual o texto. Resume-se tal perspectiva no esquema a seguir:

Planos/ Pontos de vista			
	Atividade <i>Enérgeia</i>	Saber (competência) <i>Dinamis</i>	Produto (obra) <i>érgon</i>
Plano universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações
Plano histórico	língua particular	saber idiomático	língua particular abstrata

(COSERIU, 1992, p. 92)

É preciso ainda, de acordo com a perspectiva coseriana, determinar conteúdos e juízos correspondentes a cada um dos planos. Em cada ato do falar há três planos do conteúdo: a designação, o significado e o sentido. Ou seja, cada ato de fala faz referência a uma realidade, ao mundo, de uma maneira geral; estabelece tal referência por meio de determinadas categorias gramaticais de uma língua particular; e em cada situação há uma função discursiva específica.

A designação consiste no conteúdo específico do plano linguístico geral, remetendo a elementos da realidade, ao mundo ex-

tralinguístico; o significado situa-se no plano da língua particular, representando a apreensão da realidade em uma língua determinada. Por sua vez, situado no plano do discurso, o sentido se expressa mediante a designação e o conteúdo, entretanto ultrapassa os seus limites, envolvendo atitudes, intenções e suposições do falante.

A cada plano corresponde também um juízo: congruente ou incongruente, correto ou incorreto e adequado ou inadequado. No plano do falar em geral, importa se o texto é inteligível, se está de acordo com uma determinada realidade extralinguística, num determinado contexto global. No plano da língua particular, importa se o texto atende ou não a preceitos de um idioma, se há correção ou não, tendo-se por referência um conjunto de regras.

No plano do discurso, a noção de juízo diz respeito à adequação ou não a uma situação, considerando principalmente as circunstâncias envolvidas no falar, como, por exemplo, as expectativas do ouvinte/leitor e condições em que se dá o ato de fala.

Conteúdos e juízos apresentam autonomia: designações completamente diferentes podem ter o mesmo significado numa língua particular; pode haver distintos significados entre expressões da mesma língua com igual designação; certamente, um determinado significado, mesmo que pautado numa mesma designação, pode não ter o mesmo sentido em duas situações diferentes.

Quanto aos juízos, vale a ressalva de que textos congruentes e corretos não são obrigatoriamente adequados, assim como textos adequados não são obrigatoriamente corretos ou congruentes. É possível supor um texto correto e, ainda assim, incongruente ou inadequado, ou seja, os juízos são autônomos.

O esquema organiza a terminologia:

Plano	Juízo	Conteúdo	Saber
falar em geral	congruente/ Incongruente	designação (referência)	saber elocutivo
língua particular	correto/ Incorreto	significado	saber idiomático
Discurso	adequado/ Inadequado	sentido	saber expressivo

(COSERIU, 1992, p. 106)

A proposta da autonomia dos planos, juízos, conteúdos e saberes pressupõe a hipótese de uma linguística própria em cada nível, constituída de objetos específicos, correspondentes aos planos em questão. Portanto, reforça-se a pertinência de uma linguística do plano do falar em geral, uma linguística do falar historicamente determinado e uma linguística do texto/discurso.

Coseriu (1980, p. 98) associa a distinção entre os planos de linguagem – o do falar em geral, o da língua e o do texto – a disciplinas linguísticas, já que as tarefas de cada disciplina variam conforme o nível a que se referem. Deste modo, haveria *uma gramática geral* – não uma gramática universal, mas uma teoria gramatical –, *uma gramática descritiva* – dessa ou daquela língua – e *uma análise gramatical* – de determinado texto. Comumente, prioriza-se a gramática de caráter idiomático, no campo da linguística da língua, não só no ambiente escolar, como também entre os linguistas, “cuja atenção tem se concentrado até agora especialmente no nível histórico da técnica linguística” (p. 94).

Coseriu parte das concepções adotadas por Gabelentz (*apud* COSERIU, 1992, p. 27-35), para quem a diferença entre as formas da língua corresponde a uma diferença de pontos de vista na linguística e, portanto, disciplinas linguísticas diversas. Gabelentz distingue língua como *fala*, como *língua particular* e como *capacidade linguística*, compreendendo *manifestação individual; língua de um povo, de um grupo profissional; e bem comum da humanidade* (grifos nossos).

Em suas publicações, mais especificamente em *Linguística del Texto*, Coseriu (2007, p. 87-88) discute a paternidade científica da linguística do texto, afirmando ser indiferente a uma disputa por direitos sobre a teoria, uma vez que em ciência o que importa é a verdade, não a reputação pessoal. Acrescenta que a teoria denominada “linguística do texto” havia tomado um rumo diferente da sua proposta no artigo “Determinação e entorno”, o que tornava irracional apresentar-se como seu precursor.

Declara que o seu projeto era traçar as linhas básicas de uma linguística de caráter integral, que se ocupasse do falar em geral, não apenas do texto, enfatizando a sua concepção de que, inevitavelmente, a divisão da linguagem em três níveis deveria contemplar o âmbito da linguística. Em cada nível, deve-se entender o texto como autônomo, não sendo explicado completamente a partir do nível do falar em geral nem a partir do nível das línguas ou mesmo do discurso. É necessário analisá-lo a partir das três perspectivas, respeitando-se a autonomia entre elas.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Terezinha M. da Fonseca Passos. A língua literária e o ensino de português. *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português*. Rio de Janeiro: 2º semestre de 2007/1.º semestre de 2008, n. 33/34, p. 187-201.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CARVALHO, J. G. Herculano de. *Teoria da linguagem: natureza do fenômeno linguístico e análise das línguas*. Coimbra: Atlântida, t. I, 1967.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

Linguagem em (Re)vista, Ano 09, Nºs 17-18. Niterói, 2014

_____. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

_____. *Tradição e novidade na ciência da linguagem: estudos de história da linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

_____. *Introducción a la lingüística*. Madrid: Gredos, 1986.

_____. *Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.

_____. Do sentido do ensino da língua literária. *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português*. Rio de Janeiro, n. 5, 1.º semestre de 1993, p. 29-47, 1993.

_____. Sobre o idioma nacional: problemas, propostas e perspectivas. *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português*. Rio de Janeiro: 1.º semestre de 2002, n. 23, 2002.

_____. *Lingüística del texto: introduccion hermenéutica del sentido*. Madrid: Arco Libros, 2007.

_____. *A língua literária*. Alemanha: Universidade de Tübingen, mimeo.

_____; LAMAS, Óscar Loureda. *Linguagem e discurso*. Trad.: Cecília Inês Erthal. Curitiba: UFPR, 2010.